

LATIM: ONTEM, HOJE E SEMPRE

LATIN: YESTERDAY, TODAY AND FOREVER

Yéris Gerardo Láscar-Alarcón¹Eduardo Dias da Silva²

RESUMO: Este artigo qualitativo de modalidade documental apresenta uma breve história da língua latina: origem, características, evolução, apogeu da língua, desdobramento em línguas neorromânicas e ao mesmo tempo a história do antigo povo romano: fundação, realeza, república e império afim de evidenciar a importância dos estudos latinos ontem, hoje e sempre. Destacamos também a importância e atualidade do Latim na contemporaneidade. Descrevemos uma visão ideal do Latim por meio dos programas acadêmicos propostos pelas políticas do ensino superior. Em contraste, o fato de ensinar o Latim apresenta muitos e variados problemas motivacionais, didáticos, gramaticais, linguísticos e literários. Objetivou-se, ao final dessa pesquisa, propor algumas possibilidades de caminho para o ensino-aprendizagem do Latim.

Palavras-chave: Latim; Educação; Ensino; Aprendizagem; Neolatinas

ABSTRACT: This qualitative article documentary mode presents a brief history of the Latin language: origin, characteristics, evolution, language apogee, unfolding new Romanic languages and at the same time the history of the ancient Roman people: foundation, royalty, republic and empire in order to highlight the importance of Latin studies yesterday, today and forever. We also highlight the importance and topicality in contemporary Latin. We describe an ideal vision of Latin through the academic programs offered by higher education policies. In contrast, the fact teach Latin has many and varied motivational, educational, grammatical, linguistic and literary problems. The objective of the end of this research, propose some way of possibilities for teaching and learning Latin.

Keywords: Latin; Education; Teaching; Learning; Neo Latin

INTRODUÇÃO

É necessário crer em algo, estimar algo para que esse algo entre em nossas vidas, em nossas convicções profundas e ações. Os cristãos ainda continuam a ter fé nas suas

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor chileno de Português e de Espanhol.

² Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Francês e Pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador dos Grupos CNPq FORPROLL/UFVJM, GECAL/UnB e GIEL/UFLA.

verdades religiosas e dogmáticas. O Império Romano acabou, mas seu legado cultural, seus valores, suas instituições, sua língua ainda, sobrevivem na civilização ocidental, mas com outra realidade. Diante desta visão de pensamento, conforme Belot (1637), citado por Martin (2005, p. 45), “devemos estimar a língua latina [...]. Devemos crer nela, como os primeiros cristãos criam que o Império Romano duraria até o fim do mundo”.

Frente à complexidade da modernidade e da prática em sala de aula, nós interrogamos: porque o Latim, sendo uma língua tão valorizada nos meios acadêmicos e em outras esferas de atividade intelectual, artística ou científica, apresenta sérias dificuldades para ser ensinada em sala de aula? Movidos por estas inquietações nos dedicamos a investigar quais são as possíveis causas que provocam o problema e logo propor uma série de vias de solução dentro das tarefas metodológicas do educador do ensino superior brasileiro.

Dividimos o presente trabalho em cinco pontos principais: i) origem e evolução da língua latina; como uma língua de camponeses humildes transformou-se em uma língua dominante no Império romano e sobrevivente no mundo culto medieval. ii) a língua latina na atualidade: como ela se faz presente no meio acadêmico e escolar, nos meios de comunicação de massa e nas esferas jurídicas, econômicas, científicas e tecnológicas. iii) quais são os objetivos explicitados nos planos e programas do ensino do Latim, especialmente aqueles que desenvolvem o pensamento crítico e capacidade de análise e reflexão? iv) quais são as dificuldades mais recorrentes do meio acadêmico e dos alunos na sala de aula? v) apresentação de uma série de respostas para dar solução ao problema e responder mais eficaz e adequadamente às demandas exigidas do profissional de Letras.

Ao desenvolver nossos argumentos, é necessário levar em conta algumas considerações sobre a classificação das línguas no mundo: As línguas podem ser estudadas quanto ao seu uso e assim temos os seguintes critérios, de acordo com Carvalho e Nascimento (1984, p. 10):

a) Língua Viva é a que serve de instrumento diário de comunicação entre os indivíduos componentes de uma nação, por exemplo, o Português, o Francês, o espanhol e o italiano. b) Língua Morta é a que não mais é falada, mas da qual temos conhecimento através de documentos escritos. Ex.: o Grego Clássico, o Latim, o Dalmático (a partir de 1898). c) Língua Extinta é a que desapareceu sem deixar memória documental. Ex.: O Indo-europeu.

Também é necessário citar sobre as classificações das línguas no mundo antes de saber sobre a origem do Latim, pois, a glotologia distribui as línguas em grupos ou famílias. Para essa classificação têm sido adotados quatro principais critérios, conforme Carvalho e Nascimento (1984, p. 11):

a) o critério geográfico agrupa as línguas pelas regiões do globo em que são faladas: línguas da Europa, da Ásia, da África, da América e da Oceania. Tal critério, porém, não goza de valor científico em face das migrações e entrelaçamentos dos povos. b) o critério etnológico distribui as línguas pelas raças que as falam. Visto, porém, que atualmente as línguas não coincidem com as raças, tal critério não leva vantagem sobre o anterior. c) o critério morfológico reúne as línguas tomando por base a estrutura de seus vocábulos.

É muito interessante entender que, embora o Latim teve fases em que houve a tendência ao analitismo e ao sintetismo, isso dentro do domínio da Linguística e da Literatura. O Latim é uma língua flexível derivada do Indo-europeu. O ciclo evolutivo das línguas no mundo persiste na mudança da forma nos fatos sociais, lingüísticos, biológicos, econômicos, educacionais, bélicos, estruturais, entre muitos.

O que nos leva entender que as línguas no mundo além de serem forma e conteúdo, também são “essências”, pois parece que há uma força metafísica que faz com que nem todos os fatos tenham uma explicação, embora haja já muitas contribuições a respeito do estudo da língua, entende-se que, ainda de acordo com Carvalho e Nascimento (1984, p. 12), conforme o critério morfológico, as línguas se classificam em:

1º) línguas monossilábicas, isolantes ou radicais, em que as palavras são monossílabas isoladas e inalteráveis, chamadas raízes. Nessas línguas não ha declinações nem conjugações; nomes e verbos distinguem-se pela posição que guardam na frase e pelas palavras denotativas que os condicionam. Muitos glotólogos supõem serem as línguas monossilábicas o ponto de partida para todas as demais línguas. As línguas monossilábicas mais importantes são o Chinês, o Siamês e o Anamita. 2º) línguas aglutinantes ou aglomerantes em que os radicais se aglomeram sem se fundir completamente, para formar termos compostos que exprimam relações diferentes. Nessas línguas também não ha declinações e conjugações; todas as flexões nominais e verbais se exprimem por meio de partículas combinadas as palavras. Entre as línguas aglutinantes estão o Tupi-guaraní, o Húngaro, o Turco, o Japonês e o Coreano. 3º) línguas flexivas ou orgânicas em que as palavras sofrem modificações em suas formas para exprimirem os acidentes das idéias: gênero, número, grau, tempo, pessoa e modo; ou funções sintáticas. As flexões podem ocorrer no final das palavras como em gato, gata, gatinho ou na parte interna da palavra como, foot, feet, goose, geese, do Inglês e faz, fiz, fez do Português, neste caso, chamam-se Inflexões. Cerca de um bilhão de pessoas praticam esse tipo de língua, pois todas as línguas indo-europeias são flexivas. 4º) o critério genealógico reúne as línguas segundo o grau de parentesco que apresentam entre si. Este critério é considerado o mais científico e racional dentre todos. Foi exatamente pelo critério genealógico da classificação das línguas que se chegou à conclusão da existência da famosa unidade lingüística: O Indo-europeu.

LATIM: ONTEM, HOJE E SEMPRE

Nosso trabalho tem como referencia dois fundamentos teóricos. Primeiro, a lingüística histórica que diz que toda língua é como um ser vivente: nasce, cresce, e antes de morrer, se reproduz. O Latim tem como origem o indo-europeu. Desenvolveu certa vida e sobreviveu através das línguas neolatinas.

Já o segundo fundamento, se refere à metodologia da educação, que diz: o processo do ensino aprendizagem deve ser assumido pelo próprio educando, ele deve crescer em conhecimento por vontade própria, para isso ser possível, e necessário que o professor apresente os conteúdos culturais de uma forma nova, grata e atraente. Daí a necessidade de modificar a entrega do Latim, e o ambiente do Latim utilizando as técnicas mais inovadoras e tecnológicas em sala de aula.

A Origem e Evolução do Latim

O contexto geográfico da Itália, conforme Krebs (2011), se caracteriza por seus contrastes geográficos (terras montanhosas). Os Apeninos se elevam na sua parte mais alta até quase a 3.000 m. Ao litoral do mar Adriático que se estende uma estreita faixa costeira. Em direção ao oeste, os Apeninos descendem até as planícies mais amplas que se abrem em direção do mar. Etrúria, a atual Toscana, país dos etruscos; Lácio, ao borde do Tiber inferior; a fértil Campânia. A Itália esteve habitada originariamente pelos lígures.

Por volta do ano 1200 a.C. foi invadida pelos itálicos de origem Indo europeia. Entre eles, se distinguiram ante todos os latinos, os habitantes do Lácio que se estabeleceram no vale do Tiber, e em cujas bordas nasceu a cidade de Roma. No século X a.C. se estabeleceram os etruscos em Toscana, provenientes talvez da Ásia Menor. A partir do século VII, o sul da Itália e a ilha da Sicília foram ocupadas por colônias gregas. Na parte ocidental da Sicília se estabeleceram algumas colônias fenícias sob a proteção e direção de Cartago, a poderosa cidade fenícia no norte da África. (KREBS, 2011, p. 46)

O Latim deriva de línguas arcaicas faladas no Lácio e em Roma, consolidando-se gramaticalmente a partir do século III a.C. Do local de sua origem (Lácio, região da Itália central, Latium, no idioma deles) provém o nome Latim. Teve seu período clássico entre os anos 81 a.C. e 17 d.C. Época dos principais escritores latinos: Cícero, César, Virgílio, Horácio, Ovídio, Tito Lívio, dentre outros. O apogeu do Império Romano e as guerras de conquistas levaram o Latim popular, falado pelos soldados romanos, para outras regiões da Europa, onde interagindo com idiomas locais, deu origem às línguas neolatinas. (CARDOSO, 1999, p.7). A respeito da origem remota do Latim, constatam-se as seguintes características conforme (GARCIA, 2000, p. 17-18):

1. Como numerosas línguas europeias e asiáticas, o Latim teria se originado, através do Italo-céltico e Itálico, de uma língua hipotética, o Indo-europeu, reconstruída a partir de estudos comparativos das línguas conhecidas, pois do Indo-europeu não se registra qualquer inscrição ou documento.
2. Das épocas mais remotas, o Latim falado no Lácio e em Roma sobrepõe-se aos outros dialetos itálicos e vai adquirir características literárias somente a partir do séc. III a.C.

Sobre o Latim e suas fases, de acordo com essa mesma autora, ele se divide nos seguintes períodos:

3. Podemos considerar as fases da língua latina da seguinte forma: a) período proto-histórico (séc.VII? – ano 240 a.C.) - com as primeiras inscrições encontradas. b) período arcaico (ano 240 - 81 a.C.) - com textos epigráficos e literários de autores como: Lívio Andrônico, Nêvio, Fênio, Catão, Plauto, Terêncio e Lucílio. c) período clássico (ano 81 a.C. - 17 d.C.) - quando a poesia chegou ao apogeu, com autores como: Cícero, Salústio, Lucrécio, Cátulo, Vergílio, Horácio, Ovídio,

Lívio, entre outros. d) período pós-clássico (ano 17 d.C. - séc. II d.C.) - com os prosadores não originários da Itália, que já não seguem os moldes clássicos da língua em sua totalidade, como: Sêneca, Petrônio, Plínio, Marcial, Juvenal, Quintiliano que volta aos moldes ciceronianos e Suetônio entre outros. e) período cristão (séc. III d. C. - V d.C.) - com Tertuliano, Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio, entre outros. (GARCIA, 2000, p. 18-19).

A história da língua latina acompanha o desenvolver da história do povo romano, assim como o povo romano tinha seus contrastes sociais, a língua também expressava seus contrastes linguísticos, de acordo com Hollanda (1975, p. 82):

Da primeira fase (até o VI séc. a.C.) o pouco que sabemos veio através de lendas, narrativas históricas e descobertas arqueológicas. Dizem as lendas que, durante 250 anos, seis reis dirigiram Roma sucessivamente. Nesse período estruturou-se a religião romana, organizou-se a sociedade, a política, o sistema de defesa, e desenvolveu-se o comércio. Na segunda fase, a republicana (do VI ao I séc. a.C.), enfrentou agitações internas, lutou contra povos inimigos através de guerras de conquista, expandiu seu território ao máximo. Na terceira fase, a imperial (do séc. I a.C. ao séc. III d.C.) Roma efetuou ainda algumas novas conquistas, alcançou auge de sua influência, difundiu o esplendor de sua cultura de sua civilização. Mas agitações internas contínuas acabaram provocando o início da decadência do Império Romano.

A história de Roma desenvolveu-se durante cerca de 1.100 anos, em três fases, sob três regimes de governo: monárquico, republicano e imperial. Os romanos foram ampliando suas fronteiras devido a sua coragem, disciplina, organização do exército, construção de pontes e estradas, de tal maneira que constituíram uma grande unidade imperial, e como se sabe, à medida que um povo se expande se nota o quanto uma cultura denomina dominação, no caso, Roma já estava dominando o centro do mundo. Desde o início da República, Roma começou a expansão não só para defender-se do ataque de povos vizinhos, como para assegurar mais terras de cultivo e pastoreio, pensáveis a sua economia. Pois, ainda conforme Hollanda (1975, p. 90-91):

O êxito das conquistas de Roma foi devido a uma excelente organização militar, ao patriotismo de seus cidadãos, a maneira de tratar os povos vencidos. O exército romano não era permanente, pois em tempo de paz não havia soldados. Em tempo de guerra, estes eram recrutados entre todos os cidadãos de 17 a 60 anos, formando-se, então, as legiões do exército, famosas pela sua rigorosa disciplina. Igualmente famosas foram as fortificações acampamentos militares romanos. Roma aperfeiçoou continuamente sua organização militar, não hesitando em ambos os povos vencidos por armas ou técnicas superiores as suas. O feliz êxito das conquistas romanas foi devido também ao patriotismo de seus cidadãos, pois para o romano, como já havia sido para o cidadão de Esparta, o amor pela pátria era o que havia de mais sagrado. Nas cidades e territórios conquistados, Roma adotou regimes diferentes de organização político administrativa.

É importante entender que os soldados tinham acesso às rotas que ligavam Roma com outras províncias, pois o contato cultural acontecia, já que se expandiam conforme

o Império fazia suas conquistas territoriais. Claro que havia certa variação lingüística entre o uso do Latim dos soldados e as outras camadas populacionais. Na península itálica, as cidades de origem latina foram anexadas a Roma integrando com ela o território romano.

Algumas cidades tornavam-se aliadas de Roma, com direito de autonomia administrativa e dever de fornecer soldados ao exército romano. As terras fora da península denominavam-se províncias; eram governadas e supervisionadas por um pró-cônsul, ficando sujeitas a intervenção militar em caso de rebeldia. Para controlar territórios conquistados e garantir sua submissão. O poder do exército também representa o poder do Estado, pois o exército romano exterioriza a força física para poder delimitar seus territórios que aos poucos foi dominando o centro do mundo.

Roma neles fundava colônias, cidades muitas vezes situadas em pontos estratégicos dominando vastas áreas, e construía varias estradas, que acabaram formando ampla rede de comunicações. Assim, a expansão romana, iniciada com o objetivo de simples defesa ou de ampliação de áreas pastoris e agrícolas, pode, no espaço de cinco séculos, cobrir boa parte da Europa, da Ásia, da África, garantindo a difusão e a continuidade da cultura romana, a defesa de suas fronteiras contra o avanço de povos hostis. (HOLLANDA, 1975, p.92-93).

O declínio do poder dos patrícios foi produto de sua própria ambição e egoísmo, pois, desde o começo, eles haviam utilizado o exército como instrumento para conseguir mais terras e mais escravos. O expansionismo tinha como base um exército cívico composto pelos assidui (pequenos proprietários), mas com o tempo foi se tomando imprescindível o recrutamento dos proletários aqueles que nada possuíam, a não serem seus filhos (prole). O exército cívico não se mantinha organizado permanentemente e os soldados não eram remunerados. Com a integração dos proletários, esse exército converteu-se gradualmente em exército profissional, pois os soldados passaram a ser pagos para combater.

O general Mário foi o autor dessa mudança, que pouco a pouco levou os soldados a colocarem os seus interesses acima dos interesses do Estado e a prestar mais apoio a um chefe militar que os beneficiasse do que ao governo constituído da República. Não foi por outro motivo que Mário, instituindo uma ditadura informal, converteu-se no homem forte de Roma. Eleito cônsul pela primeira vez no ano 107 a.C., ele só poderia ser reeleito dez anos depois, como estabelecia a lei. Mas se reelegeu no ano 104 a.C. e em todos os anos seguintes até o ano 100 a.C. Ele foi, assim, cônsul seis vezes seguida se ainda chegou a ser reeleito novamente no ano 87 a.C.

Sabe-se que a organização do Estado foi a principal causa da expansão do Império, já que a cultura denomina o poder que tem com as hierarquias do próprio Estado. O poder centralizado teve muitas vezes representações impostas, mas também as democráticas.

Os Romanos conseguiram influenciar e ser influenciados por meio do contato cultural entre as relações comerciais, sociais, lingüísticas, bélicas, entre outras formas de comunicação, em que diferentes períodos históricos marcaram na memória do mundo a civilização romana, conforme Concesso (2002, p. 15):

O mais antigo documento latino vem do século VI a.C. Como até meados do século IV a.C. os romanos não tinham ampliado seus domínios, a língua tinha também um alcance restrito. Na medida em que os romanos foram ampliando seus domínios, essa língua foi expandindo-se além da Itália: na Espanha, Portugal, parte da Alemanha, Galias (França, Suíça, Bélgica), Áustria, România, e menos na Grã-

Bretanha, Holanda, Iugoslávia e Hungria. Sucedeu logo depois, um período de grandes conquistas iniciando-se pela Sicília (ano 241 a.C.); Siracusa e Córsega (ano 238 a.C.).

Historicamente existem evidências sobre a origem de Roma e há hipóteses por comparações de fatos e atos que deixaram no registro da memória da humanidade as conquistas e domínios entre povos. Como elucidado por Carvalho e Nascimento (1984, p.13):

Suas origens remontam ao sec. VII a. C. e seu período final alcançam o sec. V d. C. Historicamente, o Latim se enquadra no período que vai da fundação de Roma até a queda do Império Romano do Ocidente. O Latim, que teve as suas origens no Latium, região central da Itália, entre humildes pastores e rústicos agricultores, foi absorvendo os demais falares itálicos, a ponto de tornar-se a língua nacional de todo o Império Romano. Mas, como acontece em todas as línguas, o Latim não era rigorosamente uniforme em todos os países. Porventura não é notável a diferença de falas entre as diversas regiões do Brasil? Ademais, quando o povo usa despreocupadamente o seu idioma, prescinde dos rigorosos preceitos gramaticais a que o submetem os literatos e escritores. E o que diz Serafim da Silva Neto: uma língua tem dois empregos distintos: o literário, quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra e pela sociedade culta, difundido nas escolas e Academias, e o popular, falado quase sempre, de que se serve o povo despreocupado e inculto.

As duas últimas civilizações do mundo antigo foram a grega e a romana. A Grécia é inventora e criadora de muitas formas de cultura, se caracteriza pelo pensamento teórico e abstrato. Roma, por outro lado, é imitadora da cultura grega e se caracteriza pelo seu espírito organizador, pelas suas instituições no direito, pela organização militar e administrativa, e finalmente, pelo apego à ação prática. Conforme Russell (2003, p. 180-181) destaca que:

Culturalmente, Roma é quase inteiramente devedora. Na arte, na arquitetura, na literatura e na filosofia, o mundo romano imita, com maior ou menor sucesso, os grandes exemplos da Grécia. Contudo, há uma esfera na qual os romanos tiveram êxito, onde a Grécia e até mesmo Alexandre haviam falhado. Trata-se da esfera do governo, da lei e da administração em larga escala. Nisso, Roma exerceu alguma influência do pensamento grego.

Já vimos antes que, em matéria de política, dos tempos clássicos foram incapazes de transcender os ideais do estado. Por outro lado, Roma tinha visões mais amplas que honraram o historiador Políbio. Além dessa influência política, Roma recebeu nada que pudesse inspirar novas idéias aos pensadores.

A Grécia, por sua vez, embora destruída como nação, triunfava; os seus conquistadores romanos na esfera da cultura. Os romanos cultos falavam Grego, assim como até recentemente os europeus falavam francês. A Academia de Atenas atraía os filhos da nobreza romana. Cícero estudou lá. Em todos os campos eram adotados os cânones da Grécia e, em muitos aspectos, os produtos de Roma eram simples cópias

dos originais gregos. Em particular, a filosofia romana é peculiarmente pobre de idéias originais (RUSSELL, 2003, p. 182-183).

Graças à capacidade organizadora dos romanos, a infra-estrutura institucional dos povos europeus pode permanecer inalterável através do tempo. Ainda de acordo com esse autor:

[...] O papel supremo de Roma foi o de transmitir uma cultura mais antiga e superior a sua própria. Isso foi conseguido graças ao gênio organizador dos administradores romanos e a coesão social do Império. Os vestígios da ampla rede de estradas espalhadas pelos territórios romanos nos lembram dessa grande tarefa organizadora. A expansão romana garantiu que boa parte da Europa continuasse funcionando primordialmente como unidade cultural, a despeito das diferentes contendas nacionais surgidas em tempos posteriores. Nem mesmo os invasores bárbaros foram capazes de destruir irreparavelmente essa base cultural (RUSSELL, 2003, p. 184).

No que diz respeito, conforme Concesso (2002), aos acontecimentos em todas as línguas, sempre existem mais de uma modalidade ou variações linguísticas em que se acentuam traços significativos de distintas instancias discursivas. Basicamente, o coloquial entra em contraste com o culto, pois nesta dicotomia, a predominância utilizada acontece principalmente na fala do dia-a-dia.

Na medida em que foi entrando em decadência a língua erudita, foi dando lugar a uma língua falada pelo povo, funcionários públicos, colonos, soldados, cheia de influências externas, mais coloquial, que foi sendo denominada de Latim Vulgar ou *Sermo Vulgaris*” (CONCESSO, 2002, p. 17).

A respeito ao Latim Vulgar, é necessário explicitar que os fatores principais que levaram ao Latim Vulgar gerar as línguas românicas foi o contato cultural com outros povos e a dialetização ocorreu gradativamente. Pois em todas as línguas existe a variação devido às mudanças que determinada população expressa diante da sua realidade no espaço de tempo. Também são fatores metalinguísticos que interferem no processo evolutivo da língua. O contato cultural que muito acontece devido à globalização faz com que as mudanças aconteçam de forma mais rápida e perceptível. Com as conquistas territoriais e política do Império o Latim passou por diversas etapas. Segundo Williams (1973), o Latim como língua viva estava sujeito a constantes modificações. Enquanto a língua das classes cultivadas, o Latim clássico se tornava cada vez mais uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado, a língua do povo que era o Latim vulgar se tornava cada vez mais diversificado na medida em que se disseminava com a expansão do vasto Império Romano. O Latim Clássico se tornava uma língua morta, enquanto o Latim Vulgar se desenvolvia nas chamadas línguas neolatinas ou românicas.

[...] A tradição não nos legou uma grande literatura para atestar a existência do Latim Vulgar. Nosso conhecimento dele deriva das seguintes fontes: a) elementos populares, de origem intencional ou acidental, no Latim Clássico e no medieval; b) observações lingüísticas no Latim Clássico e no medieval; c) elementos latinos nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato; d) as línguas românicas. O Latim Vulgar e, por conseguinte, uma língua reconstruída de fragmentos heterogêneos e em grande parte na base de hipótese. (WILLIAMS, 1973, p. 15).

É apreciável saber sobre as Línguas românicas que, de acordo Concesso (2002), a partir do século III d.C., não havia mais unidade lingüística no império. Esta língua mais popular foi, aos poucos, dando origem a novas línguas devido as influencias dos povos conquistados. Estas novas línguas são conhecidas como novilatinas, neolatinas ou românicas. Alguns fatos históricos contribuíram para esta deteriorização do Latim Erudito. Com Caracala, o direito de cidadania, antes restrito a uma elite, foi estendido a todos os cidadãos livres do império. Com Diocleciano (284-305), a política administrativa foi descentralizada favorecendo o aguamento dos nacionalismos regional.

Começam o Francês (século X); o Espanhol (século X); o Rético (século XII); o Catalão (século XII); o Português (século XII); o Franco-provençal (século XIII); o Dálmata (século XIV); e o Romeno (século XVI). Os romanos chegaram a Península Ibérica no século II a.C., por ocasião da Segunda Guerra Púnica, mas o domínio completo só aconteceu no ano XIX a.C. Pouco se conhece da complexa mistura racial na época da colonização. Celtas, íberos, púnicos, fenícios, lígures [...] (CONCESSO, 2002, p. 19).

Em diversos povos que tiveram contato entre línguas, outros povos foram os que habitaram na península tais como os Celtas, Íberos, Cartagineses e os Árabes, onde houve a troca de influencias nos mais curiosos aspectos de manifestações humanas. A identidade de um povo dominante é retratada daquilo que somos até hoje, pois a língua faz reviver o passado, e assim se estabelece uma estreita relação entre o passado, presente e o futuro.

Uma das línguas românicas é o Espanhol, cuja península foi invadida pelos romanos em tais circunstâncias descritas por Quesada (1987, p. 27):

A rivalidade entre fenícios e gregos por controlar os recursos da Ibéria continua entre Roma e Cartago pelas mesmas razões. O ano de 219 a. C., o general cartaginés Anibal destrói a cidade de Sagunto, perto da atual Valência, que era aliada de Roma, e de Ampúrias. Este fato impulsiona os romanos à conquista definitiva da Península. Tal empenho exigiria dois séculos e a intervenção das melhores estratégias; inclusive a do próprio Cesar Otávio Augusto, que teve que dirigir

pessoalmente as últimas operações militares frente à tenaz resistência dos indígenas.

Contudo, o Latim era dividido basicamente em Baixo-Latim, é o latim dos Padres da Igreja da Idade Média, que, preocupados com a formação moral de suas ovelhas, preferiam antes ser entendidos com seu linguajar simples, a ser ignorados com sua eloquência e o Latim Bárbaro, exclusivamente escrito, era o latim dos copistas da Idade Média. Chama-se bárbaro porque mesclado de vocábulos romances e provinciais.

O Latim teve várias fases denominadas: O Latim Clássico, chamado de Sermo Urbanus. Sempre escrito e como que estereotipado pelo rigor dos literatos, e a língua das escolas ou Academias. O Latim Vulgar, chamado de Sermo Vulgaris. É a linguagem do povo que transmite espontaneamente suas idéias sem a preocupação de submeter ao cinzel dos preceitos gramaticais, e é nessa modalidade linguística que as primeiras mudanças acontecem numa língua. Essa mudança é na forma e não tanto quanto ao conteúdo e o estudo dessas mudanças é estudado nos metaplasmos. Ainda de acordo com Concesso (2002, p. 18):

[...] Ora, esse linguajar do povo, corrente entre as diversas classes da sociedade romana, tinha que apresentar defeitos e diferentes aspectos, conforme manejado pela classe média, Latim familiar, pela classe baixa, Latim plebeu, pelos soldados, Latim castrense, pelos marinheiros, Latim náutico, pelos operários, Latim proletário, e, enfim, pelos camponeses o Latim rural, foi nesse sentido que entendemos o que se disse que "a designação Latim Vulgar não conceitua uma língua, mas um conglomerado de falares de vários tipos. E exatamente deste Latim Vulgar e não do literário, que procedem as línguas românicas, entre as quais o Português.

Como acontece em todas as línguas no mundo, havia a língua gramaticalmente correta dos literatos e a língua popular, falada pelo povo de pouca instrução e sem preocupação com a correção gramatical. Foi esta última que se espalhou pela Europa e, no caldeirão dos dialetos regionais, comandou a formação das línguas neolatinas, inclusive o Português que foi o resultado da mistura do Latim com o Galego, principal língua falada na região do Condado Portucalense e que hoje corresponde à região de Portugal. Foi uma das línguas derivadas que mais demorou a se formar, sendo provavelmente este o motivo de ser o Português tão semelhante ao Latim.

A Península Ibérica sofreu os efeitos da romanização ainda a partir do século II a.C., porém muito pouco se conhece deste período. O Império Romano espalhou sua influência para as Gálias (França, Suíça, Bélgica) no ano 191 a.C.; norte da África (Cartago) no ano 146 a.C. No contato

dos romanos com outros povos, eles levaram muita influencia dos seus hábitos de vida, suas instituições, sua cultura, mas por outro lado, aprenderam de outros povos e de outras civilizações, especialmente com os gregos, outras culturas e outras línguas. (CONCESSO, 2002, p. 16)

O ápice dos romanos, momento em que tinham mais domínios geográficos, políticos e idiomáticos, foi já na era cristã, em que a importância religiosa permanece insistindo em seus dogmas e doutrinas filosóficas entre outras ramificações das ciências. No entanto, ainda de acordo com esse autor, o Latim Literário continuou a ser adotado e utilizado durante muitos séculos pelos escritores cristãos, mesmo depois de não ser mais falado como linguagem corrente na sua região de origem. Por influência dos monges, o latim era utilizado também como idioma dos intelectuais, filósofos e cientistas, que escreviam suas obras em Latim, pela facilidade de serem lidos em qualquer parte da Europa. Somente a partir do século XVII, a literatura filosófica e a científica passou a ser produzida em língua vernácula.

Atualmente, o Latim é a língua oficial da Igreja Católica, utilizado na produção dos documentos oficiais do Vaticano, seja da Cúria Romana, seja das entidades agregadas. As Universidades Pontifícias de Roma, por exemplo, expedem seus Diplomas em Latim ainda no mundo moderno. Os documentos oficiais da Igreja Católica, originalmente escritos em Latim, são imediatamente traduzidos no próprio Vaticano e distribuídos pelos diversos países já no idioma vernáculo.

Importância e Atualidade do Latim

É convincente entender que a importância do Latim está relacionada com a necessidade que muitas pessoas tem em diferentes domínios do conhecimento, entende-se que os traços semânticos, dogmáticos e estruturais ainda permanecem nas línguas modernas derivadas do Latim, pois, a estrutura das línguas românicas é o próprio Latim, tanto na morfologia, quanto na sintaxe, quanto à semântica e cultura literária, pois a importância se dá de forma geral, a língua é bagagem cultural acima de tudo e diante deste aspecto, aqueles que estudam Latim já tem esclarecido o uso desta língua, são vários profissionais que recorrem às gramáticas e ao domínio cultural romana, o passado explica muitos fenômenos do presente, assim, para Cardoso (1999, p. 8-9):

[...] Tanto na redação de documentos eclesiásticos como na realização de cultos e cerimônias religiosas. A ciência, por sua vez, até o início do século XX, viu no Latim uma espécie de linguagem universal, e nessa

língua foram escritos inúmeros tratados filosóficos, científicos e acadêmicos. Podemos falar, portanto, [...] Num Latim de tabeliões ou Latim bárbaro, num Latim eclesiástico e, finalmente, num latim científico. Essas modalidades apresentam cada uma, suas características e sua especificidade.

Aprender o Latim significa entrar em contato com a cultura romana, o Império romano dominou o centro do mundo, por isso, aprender ou não o latim não é a questão. Ele já convive conosco, pois é a alma de nossa língua e bastaria reconhecê-la. Com o Latim, vemos que as irregularidades e as temíveis exceções das gramáticas não são nem irregulares, tão pouco exceções. Tudo passa a ter uma lógica mais clara e previsível. Se já conhecemos bastante Latim, por que não saber mais? Ampliando ou aprimorando nosso vocabulário, não nos destacamos? Está respondida à pergunta daquele que quer mudar sua posição social no sentido de buscar o conhecimento como forma de vida. Continuando sobre a Importância do Latim, ainda de acordo com Cardoso (1999, p. 9):

O Latim deveu sua importância, no passado, ao prestígio de Roma. Tendo surgido como pequena aldeia, fundada por pastores albanos no coração do Lácio, em meados do século VIII a.C. Roma se tornou, sucessivamente, a principal cidade de uma confederação itálica, a grande metrópole do mediterrâneo e a capital de um dos maiores impérios que a civilização conheceu, um império cujos limites se estendiam da distante Lusitânia ao Oriente, dos areais da Líbia as terras da Britânica e da Germânia, ao Ponto e à Cítia. No mundo romano cuja extensão só se definiu na época do imperador Trajano (sec. II d.C.) e que abrangia grande parte da Europa, o norte da África e parte da Ásia ocidental, o Latim era a língua de comunicação. Nos locais culturalmente menos desenvolvidos a língua de Roma, divulgada por soldados e ensinada nas escolas, foi implantada sem maiores dificuldades.

Há muito tempo o Latim tinha sua importância cultural e histórica, pois à medida que o Império se expandia, o Latim foi dominando o centro do mundo, e assim denominando o quanto a cultura se estende, entretanto, os valores que herdamos na idiossincrasia que é expressa pela língua. Nas regiões onde a vida cultural já era intensa e tinha características próprias bem solidificadas não houve, a rigor, a latinização. O Latim, todavia, mesmo sem ser uma língua oficial do Império, foi sempre uma espécie de língua comum, cujo papel a Igreja se encarregou de acentuar. (CARDOSO, 1999, p.9).

Mesmo que a tendência seja de reduzir o ensino de Latim, esta língua continua a ser vigente na maioria das Faculdades ou Departamentos de Letras no país. Basta fazer um rápido levantamento pela Internet e indagar alguns livros para constatar como esta disciplina está difundida e grande parte dos profissionais de Letras, tanto da área de linguística como da área literária, continuam convencidos da importância do Latim pela robustez de sua constituição interna, pela precisão de suas formas morfofuncionais, pela riqueza de seu vocabulário, pela sonoridade de suas articulações fonéticas, pela

flexibilidade e adaptação ao pensamento lógico. Todas estas qualidades fazem do Latim uma língua excelente.

É de fundamental importância conhecer a origem da língua latina, divulgar e analisar as duas bases fundamentais que se tornaram presentes na historicidade, apesar de pertencerem à mesma língua seguia estruturas distintas, e o mais importante utilizados até hoje. Dessa forma dá-se a necessidade da importância do estudo do Latim, que por uma necessidade em face ao desprezo ou quase abandono dos estudos clássicos e filológicos da língua matriz nas instituições de ensino, nos dias atuais. Tendo em vista os estudos dos conhecimentos teóricos acerca da língua latina, que apesar da escassez de documentos, apresenta-se neste, uma reflexão sobre a influência do Latim na contemporaneidade.

A partir da pesquisa laboral, pode-se perceber a existência de duas variedades da língua falada e registrada, onde uma possui características de uma língua erudita, rica gramaticalmente, denominada de Latim clássico. E outra pouco favorecida de recursos gramaticais, mas rica em expressividade, que embora tenha se desenvolvido nas camadas populares foi ainda à responsável pela origem das línguas neolatinas. Contudo pode-se prosperar que através da referente pesquisa o Latim tende não mais ser considerada uma língua extinta da sociedade contemporânea e sim, valorizada e reconhecida. Tomando conhecimento de sua influente presença em nosso cotidiano.

Ainda para Cardoso (1999, p. 10), foi a língua da comunicação universal, da política, da religião, da cultura e da ciência. Pois:

Dois aspectos parecem-nos, deveriam ser focalizados numa tentativa de resposta. De um lado ha uma rica literatura deixada pelo mundo romano, que não só nos permite o desfrute de autenticas obras de arte como estende seu alcance por outras áreas do conhecimento: pela historiografia, pela filosofia, pela antropologia, pela teoria literária em todos os seus matizes, pela ciência, pelo teatro.

Às vezes, faz-se desnecessário ressaltar o valor do Latim e da cultura latina para a formação de nossa cultura ocidental. Nos continuamos a viver do legado deixado por Roma e suas instituições na ordem política, jurídica, científica, literária, semântica, militar e artística. Diversos profissionais propiciam o aprendizado do Latim para a eficácia e precisão de suas atividades. Os matemáticos e engenheiros disciplinam seu espírito organizativo pela prática do Latim. Os biólogos e ecologistas dispõem de uma gama de términos científicos para designar a flora e fauna do país.

[...] As obras literárias podem ser traduzidas, é certo, mas a tradução, como sabemos, compromete muitas vezes o que existe de genuíno em uma obra. De outro lado, ha o interesse lingüístico pelo Latim. Sendo uma das mais antigas línguas indo-européias, da qual temos conhecimento pela documentação escrita, oferece-nos a solução de numerosas indagações que se referem ao conhecimento das línguas; sendo, por fim, a língua mãe dos chamados idiomas românicos (Português, Espanhol, Catalão, Provençal, Francês, Italiano, Sardo, Rético, Dálmata, Romeno), fornece-nos explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis de nosso idioma e das línguas irmãs do Português. .

Contudo pode-se prosperar que através da referente pesquisa o Latim tende não mais ser considerada uma língua extinta da sociedade contemporânea e sim, valorizada e reconhecida. Tomando conhecimento de sua influente presença em nosso cotidiano. Enfim, pode-se dizer que esta pesquisa é de extrema importância para a sociedade conhecer e valorizar a gênese da língua-mãe que hoje não deixa de ser uma herança valiosa no que tange os estudos sobre a língua.

A revista Veja nº 1.607 de 21 de julho de 1999 informa que os países da União Européia estão em dúvida quanto à escolha da língua oficial a ser adotada. Um presidente finlandês estava usando sua língua como oficial, mas, como os alemães reclamaram, Paavo Lipponen resolveu usar o Latim na correspondência. Segundo pesquisa feita pelo Vaticano, cerca de 15 milhões de europeus falam ou entendem latim. Até na própria Finlândia, há um programa de radio nessa língua. (CONCESSO, 2002, p. 13).

Na época contemporânea em que vivemos o Latim continua tendo utilidade diante da comunicação formal, artística ou científica, claro que o mérito maior do Latim foi de ter gerado as línguas românicas, também chamadas de neolatinas ou romances. Ainda que o Latim tenha sido abolido dos nossos currículos depois da reforma dos anos 70, continua sendo estudado em vários países como Portugal, Alemanha, Suíça e, como não poderia deixar de ser, também na Itália.

Os especialistas em ciências jurídicas recorrem às expressões latinas para explicitar os artifícios da lei. Os que aprenderam o Latim com certa facilidade estão aptos para criar novas formas, para organizar novos ambientes, para promover estratégias diversas. O Latim é como um grande tabuleiro de xadrez que com poucas peças se opte por flexíveis resultados na criação de possibilidades. Quem aprende o Latim tem a chave-mestra para adquirir diversas línguas modernas derivadas do Latim, tais como o Francês, o Italiano, o Espanhol, o Romeno, entre outros.

Incluso o Inglês que apesar de ser de uma outra ramificação linguística, no caso anglo-saxônica, mesmo assim também teve muita influência do Latim. Quem aprende o Latim terá mais facilidade para uma excelente redação, um ótimo manejo das regras ortográficas, um aprimoramento do estilo literário, um acerto justo na significação das palavras por causa de sua etimologia. Entretanto, até os especialistas em marketing tiram proveito do Latim para caracterizar seus produtos farmacêuticos, perfumarias, etc. Por exemplo, *opium*, *solarium*, *herbarium*, *stilus*, *status*, são nomes atrativos e exóticos.

Acredita-se que todos os professores de línguas, incluso a portuguesa, ou até mesmo de idiomas em extinção, devem ter convicção de que é de extrema importância ter conhecimentos do Latim, pois por ser algo natural: "Ninguém, na verdade, pode intitular-se professor de Português ou de qualquer outra língua românica sem o imprescindível conhecimento do Latim" (CONCESSO, 2002, p. 14).

Alguns dados a ser destacados: Na Alemanha 740 mil jovens aprendem Latim. O idioma de Cícero só perde para o Inglês e o Francês, em termos de interesse. Segundo os especialistas, ele é uma porta para as raízes comuns da cultura européia. Entre os estudantes alemães de segundo grau, o Latim ocupa atualmente o terceiro lugar entre os idiomas estrangeiros mais estudados e continua ganhando terreno, segundo Pitol (2005).

Ainda de acordo com esse autor, o *status* da língua falada pelos antigos romanos é bem mais elevado do que o quase todas as neolatinas, incluindo o universal Espanhol. O Italiano, seu descendente direto, está longe de conquistar o interesse de tantos jovens quanto o *pai Latim*.

Em 2003, 654 mil estudantes da Alemanha, entre 14 e 18 anos, se ocupavam em declinar substantivos e conjugar os verbos latinos. Dois anos mais tarde, este número

elevou-se em mais de 13% chegando assim a 740 mil. Pode-se saber que o Latim foi obrigatório nos parâmetros curriculares do curso de letras no Brasil, e até então não é mais obrigatório, de fato ocorre o seguinte fenômeno, de acordo com Pitol (2005, p. 32), “[...] a língua latina ganha força e atrai mais alunos nas principais universidades brasileiras, tanto nos cursos de graduação, como nos de pós. O interessante é que o MEC desobrigou o ensino de Latim há quase dois anos [...]”

Falar Latim nos dias de hoje parece algo inimaginável e um tanto quanto raro. Mas não é isso que tem ocorrido nos ambientes universitários. Embora considerada uma língua morta, o Latim vem ressurgindo dentro das universidades brasileiras, atraindo mais estudantes de graduação e pós-graduação e, por conta disso, gerando um número bem maior de pesquisadores na área. Não há ainda uma explicação definida para o fato. Nos últimos seis anos houve um aumento de 154% no número de alunos matriculados em Latim 1 na Universidade de São Paulo (USP). A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) não fica atrás. Em cinco anos o salto foi de 70%. A Universidade Estadual Paulista (UNESP) tem duas unidades que oferecem o curso de Letras, e também registrou um crescimento de 118% na procura por literatura latina, segundo dados fornecidos por Miotti (2006).

Nas principais Universidades do Brasil há uma grande necessidade de estudar o Latim, ainda de acordo com Miotti (2006, p. 8):

As Universidades brasileiras registraram um aumento no número de estudantes interessados no Latim nos últimos anos. Mesmo que um motivo claro pela procura não tenha sido identificado por pesquisadores e especialistas, grandes universidades revelam números que determinam este fato. De acordo com o jornal O Estado de S. Paulo, na Universidade de São Paulo (USP) houve um aumento de 154% no número de matriculados na disciplina Latim 1 nos últimos seis anos. Eram 355 em 2000 para 903 neste ano. Na Unicamp, o crescimento foi de 70% em cinco anos. Já na UNESP, no mesmo período, 118%.

Ainda de acordo com Pitol (2005), o crescimento do interesse pela língua latina não acontece só em São Paulo. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep) apontam que há mais alunos estudando latim na maioria das universidades brasileiras que oferecem a disciplina, como também universidades federais do Rio (UFRJ), de Juiz de Fora (UFJF) e, ainda, do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os especialistas acreditam que novos enfoques dados à disciplina ajudaram no crescimento, mesmo quando o Ministério da Educação (MEC) desobrigou o ensino da língua nos cursos de Letras.

Ainda segundo essa autora, nos Cursos de graduação em Letras da UFSC, a reforma curricular de 1998 dos cursos de graduação em Letras da UFSC estabeleceu distintos programas e carga horária para o ensino do Latim: O curso de Letras/Português, reservou para o ensino de Latim 4 semestres de 15 semanas, com 45 horas/aula cada semestre, perfazendo um total de 180 horas/aula, ou seja, cerca de 7% do número total de horas/aula ministradas para o referido curso. Destes quatro semestres, três foram destinados ao ensino de língua latina e um ao ensino de literatura latina.

PROPOSTAS E CAMINHOS DE SOLUÇÃO

Frente a esta crise generalizada das estruturas sócio-econômicas e sócio-culturais, em meio das quais se realiza o processo educativo, cabe como primeira reação:

“surpreender-se”, “sentir-se chocado”, “refletir” e “agir”. Como romper o círculo vicioso do “sistema social subdesenvolvido”, causa e efeito do “sistema educativo subdesenvolvido”? Como romper o círculo vicioso de quem atacar primeiro: “as estruturas sociais” ou “as pessoas”? Outro dilema a resolver: “professores mal preparados formam alunos que no futuro serão professores mal preparados”. Certamente que temos que modificar muitas atitudes, convicções, cosmo visões com respeito do mundo, das pessoas e do processo educativo brasileiro. Podemos entender, de forma geral, o papel da educação na sociedade por meio de três tendências político-filosóficas, conforme postulado por Luckesi *apud* Fogaça e Gimenez (2007), educação como redenção, educação como reprodução e educação como uma forma de transformação da sociedade.

A primeira perspectiva vê a educação como uma forma de redimir a sociedade de suas mazelas, desigualdades e injustiças, ao tentar dar aos alunos uma formação ética, humanista e conteudista. A segunda vê na educação uma forma de refletir as condições de produção da sociedade, com foco na preparação para o mercado de trabalho, cujo objetivo é suprir as demandas desse mercado e da sociedade em geral. A terceira tendência não vê a educação nem como redentora e nem como reprodutora, mas como uma forma de transformar a sociedade, uma tendência emancipatória que pretende formar alunos críticos e participativos. Longe de representar tendências estanques, embora tão diversas em relação a valores e objetivos, elas coexistem nos dias de hoje: em uma mesma instituição podemos ter múltiplas representações do papel da educação e sua relação com a sociedade. Da mesma forma, documentos oficiais que procuram encapsular visões da sociedade a respeito dos valores que guiam o ensino de LEs expressam essas tendências, muitas vezes de forma contraditória, ora reforçando a perspectiva redentora, que acaba naturalmente reproduzindo e mantendo o status quo, ora a transformadora (FOGAÇA; GIMENEZ, 2007, p. 56).

O homem não é somente aquilo que é, mas aquilo que ainda não é, e pretende ser. Daí a necessidade de reformular os objetivos dos currículos: enunciá-los em forma bidimensional: condutas e conteúdos; fazendo inca pé não só sobre aspectos intelectuais, mas também emotivos, imaginativos e criativos. Aperfeiçoar a didática na sala de aula, que seja ativa, participativa, criativa e prazerosa. Fazer o aluno crescer. Na parte acadêmica, o professor terá que melhorar seus textos, elaborar microdicionários, ajudar a fazer as traduções, enriquecendo o vocabulário, procurando frases alternativas, comentando a autocorreção.

Explicitar a análise lógica como um jogo mental: se A é igual ao B, e C é igual ao B, logo: A combina com C. Exemplo: si *Puellam* é uma palavra que termina em *-am*, e *-am* significa acusativo; logo *Puellam* sendo acusativo e, portanto, significa objeto direto, e assim: *aquilam, agricolam, nautam, poetam, reginam, stellam, magistram*, etc. Será de grande interesse fazer a confrontação entre o Latim, língua sintética e o Português, língua analítica: em Latim a Morfologia induz a Sintaxe. Por causa das desinências que denotam a função das palavras implicadas nas terminações.

Na década de 1960, Paulo Ronai em seu livro *Gradus Primus* deixa bem claro sobre a tentativa de elaborar um método mais prático para seus alunos e público geral que embora a obra citada reúna em um só livro; leitura, gramática e dicionário, o autor procurou fazê-lo pequeno, resumido e de formato cômodo. Logo, ele julgou inútil compor um grosso volume com milhares de linhas de texto de que só uma parte mínima poderia ser aproveitada nas aulas. Dar, conforme aos novos programas, todo o essencial, mas omitir todo o supérfluo, este foi o lema que Ronai (1986a) estabeleceu.

Outro intuito meu consistiu em escrever um livrinho elementar, claro e simples. Não perdi de vista nem por um minuto sequer que as explicações do livro são destinadas a alunos principiantes, apenas saídos da escola primária. Logo renunciei a toda e qualquer pretensão científica, apresentando os principais fatos da linguagem em linhas gerais, sem cuidar muito de miudezas e exceções. O próprio programa, alias, deixa para o segundo ano de estudos amplia-lo e a sistematização das noções de morfologia — o que pretendo fazer em outro livro, destinado a 6º serie do 1º grau. (RONAI, 1986a, p. 2)

É conveniente encomendar pesquisas aos alunos, incluso a internet como recurso positivo e preparatório para dissertações e discussões futuras. Favorecer o exercício de conversações simples. Introduzir na sala de aula recursos áudio visuais: cartazes, vídeos, slides, data show, filmes, músicas, jogos, palavras cruzadas, textos e notícias.

Ronai (1986a; 1986b; 1984) na sua obra didática *Gradus Primus*, propõe diversas metodologias para o aprendizado da língua latina em que consistem nos seguintes términos:

Para facilitar a memorização de todos esses conhecimentos, recorreu-se aos exercícios mais variados, que acompanham cada leitura, além de exercícios de revisado que se seguem a cada grande capítulo de morfologia. Eles não concernem apenas à gramática e ao vocabulário; estendem-se também a rudimentos da historia e das instituições romanas, ao exame e a discussão de todo o conteúdo das leituras. Nem todos estes exercícios deverão ser feitos por escrito. A maior parte, para ser feita oralmente, não exige mais de dois ou três minutos. E de desejar, no entanto, que entre uma aula e outra o aluno faça pelo menos um deles por escrito num caderno especial de exercícios. Um dos objetivos visados, e não o ultimo, foi apresentar um livrinho agradável, que o principiante folheasse com prazer. Procurou-se variar as leituras, revestindo-as da forma ora de narração, ora de dialogo, ora de perguntas e respostas; alegrá-las, inserindo de vez em quando enigmas, brinquedos e curiosidades; torná-las divertidas e ao mesmo tempo mais acessíveis por meio de graciosas ilustrações adrede feitas; por em relevo as partes mais importantes com todos os recursos da tipografia (RONAI, 1986a, p. 4).

Com tudo isso, seguiu-se fielmente o novo programa no que se refere tanto a gramática quanto aos autores. Frases sentenciosas de Publicito Siro e outros escritores, escolhidas de preferência entre as mais simples, foram enquadradas em pequenas leituras para ficarem menos abstratas. O mesmo critério presidiu a seleção das inscrições. As leituras narrativas ou históricas, cuja maior parte foi tirada de Estropio, referem-se aos tempos da lenda e a época pitoresca dos sete reis e da republica; todas elas relatam fatos que os alunos não encontram necessariamente no decorrer de seus estudos ulteriores durante as 2ª, 3ª e 4ª séries como no curso clássico.

Enquanto às atividades extracurriculares: Criar uma revista literária com produções dos próprios alunos, um diário ou um mural com notícias e brincadeiras, exposições com cartazes, mapas, famílias semânticas, expressões latinas ilustradas, realização de obras teatrais ou recitações dramatizadas e elaborar histórias em quadrinhos. Realmente não faltarão meios estratégicos para seduzir os alunos à aprendizagem da língua latina, pelas virtudes e encantos que ela possui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro de nossa pesquisa foi imenso. Examinamos a história do Latim através do tempo e do espaço, sendo instrumento da cultura de um povo que dominou a Europa e grande parte do mundo conhecido em aquele então. Por pelo menos um milênio, a língua padrão dos romanos continuou como no Império, a servir de fio condutor entre os vários povos, atuando como o veículo da diplomacia, do direito, das ciências, das artes e da religião. O Latim, de marca da dominação política, passa a ser marca distintiva de erudição, a língua das ciências e das faculdades e universidades.

Expressando-se em Latim, durante largos séculos o homem erudito pôde circular em todos os meios. Como um salvo-conduto, com esse idioma o cientista não conheceu fronteiras. Ou seja, por muito tempo, a língua de Cícero cumpriu o que o Esperanto pretendeu fazer mais tarde e o que hoje, na era da globalização, o Inglês faz na prática: dissipou o fantasma da Torre de Babel e propiciou o entendimento entre os homens que compartilhavam interesses comuns.

Com frequência ouve-se dizer que o Latim é língua morta, cujo estudo nem mais deveria ocupar espaços nos currículos universitários. Mas estará ele de fato morto? Ainda hoje a ciência, especialmente a botânica, ainda se vale do Latim para a classificação de espécimes novos e a religião católica, ainda que tenha adotado o vernáculo nas celebrações litúrgicas dos diversos países, mantém o idioma dos romanos nas encíclicas papais. Nos meios jurídicos, expressões latinas, como *data venia*, *habeas corpus*, *modus operandi* e outras são de uso corrente. Na ampliação do léxico português, recorremos sempre às fontes antigas, no caso, o Grego e o Latim, para lá buscarmos os radicais e afixos que irão formar novas palavras. Em vista disso, pode-se dizer que o Latim morreu?

Se morreu, morreu como nossos antepassados, que permanecem vivos em nosso sangue, percorrendo as sucessivas gerações, reaparecendo em frases, gestos, cacoetes, num fetiche de boca, num modo de olhar, nas cores de cabelos e olhos de seus descendentes, em tantas nuances visíveis a quem tiver olhos para ver e memória para reconhecer. O Latim morreu? Viva o Latim!

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Z. A. *Iniciação ao Latim*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

CONCESSO, J. F.S. *Latim, Primeiros Passos*. 3. ed. Brasília: Ser, 2006.

FOGAÇA, F. C.; GIMENEZ, T. N. *O ensino de línguas estrangeiras e a sociedade*. Universidade Estadual de Londrina. EdUEL, 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/rbla/2007_1/08-Francisco%20Foga%C3%A7a%20et%20al.pdf> Acesso em: 4 jun. 2016.

GARCIA, J. M. *Introdução à Teoria e Prática do Latim*. 2. ed. Brasília: UnB, 2000.

HOLLANDA, S. B. (Org.). *História da Civilização*. 1. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

KREBS, C. B. *A most dangerous book: Tacitus's Germania from the Roman Empire to the third Reich*. Norton Company, Boston, 2011.

MARTIN, M. M. *O Latim Imortal III*. S/L., 2005. Disponível em: <http://traducoesgratuitas.blogspot.com/2005/08/marie-madeleine-martin-o-latim-imortal_25.html> Acesso em: 4 jun. 2017.

MIOTTI, C. M. *O ensino de latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método inglês Reading Latin: um estudo de caso*. 145f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística), PPGL/UNICAMP, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000377335&fd=y>> Acesso em: 4 jun. 2017.

PITOL, M. C. *Latim na ponta da língua*. S/L., 2005. Disponível em: <<http://www.hipermeios.com.br/website/noticias/show.asp?nwsCode=37DE243B-16C3-1D7A-A9B7-570449AA8052>> Acesso em: 4 jun. 2017.

QUESADA, M. *Curso de Civilización Española*. 2. ed. Monocomp: Madrid, 1987.

RONAI, P. *Gradus Primus*. Editora Cultrix: São Paulo, 1986a.

_____. *Gradus Secundus*. Editora Cultrix: São Paulo, 1986b.

_____. *Não Perca o Latim*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.

RUSSEEL, B. *História do Pensamento Ocidental*. Tradução: Laura Alves e Aurélio Rebello. Ediouro. Rio de Janeiro, 2003.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português - Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. 2. ed. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1973.

Recebido em: 28 fev. 2018

Aceito em: 16 abr. 2018